HÁ COMO DETER A INVASÃO DO CHATGPT?

SANTAELLA, Lucia. Há como deter a invasão do ChatGPT?. São Paulo: Estação das letras e cores, 2023.

Carlos Augusto Pereira Mendes (UNISC)[1]
Elenilza Maria de Araújo Sousa (UNISC)[2]

Lúcia Santaella, autora do livro aqui resenhado, é Doutora em Teoria Literária pela PUC/SP, onde também é professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Além disso, possui Doutorado também em Livre-Docência em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e pesquisador A1 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq.

Atualmente, a pesquisadora conta com uma vasta publicação de livros referentes às suas investigações nas áreas de linguagem, cultura da semiótica, comunicação e tecnologia. Ademais, possui um acervo de mais de 54 livros publicados em autoria e coautoria. Além disso, já publicou um pouco mais de 400 artigos em periódicos nacionais e internacionais.

Publicado em 2023 pela editora Estação das letras e cores, composto por 125 páginas, o livro *Há como deter a invasão do ChatGPT?* Aborda discussões atuais, relativas ao desenvolvimento do ChatGPT e seus múltiplos significados na sociedade moderna. O livro está dividido em seis capítulos. Cada um deles trata da complexidade do ChatGPT, que faz parte da família das IAs Generativas (IAGs) desde a sua introdução. A obra analisa os benefícios e desafios da tecnologia presente na cultura contemporânea, questionando se é possível controlá-la, apontando ainda as perspectivas e incertezas do desenvolvimento da inteligência artificial, apontando reflexões sobre como a humanidade está se preparando para lidar com suas consequências.

No primeiro capítulo, intitulado *O cérebro do ChatGPT*, a autora faz uma alusão histórica sobre os avanços do ChatGPT, apresentando as principais mudanças da AI a partir do século passado até o presente. Além disso, Santaella discute uma categoria de linguagem computacional chamada de Transformer, sendo um ponto crucial para a discussão deste capítulo. Conforme a autora, os Transformers são modelos de linguagens da IA que funcionam como arquitetura do Chat, facilitando os comandos de organizações para o armazenamento de textos, imagens, vídeos e várias outras modalidades de linguagens.

Sem dúvida, a linguagem computacional pode contribuir para a criação de textos multissemióticos, mas não deve ser usada como um recurso que substitua o pensamento e a

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 19 nº 01 (2026): e13345
ISSN: 2358-8403
https://doi.org/10.30681/real.v19i01.13345

organização textual do autor, uma vez que tal recurso faz reproduções que partem de informações que lhes são fornecidas através da linguagem humana.

Isso nos permite compreender que os Transformers não tem uma vida própria. “Entretanto, a linguagem humana é feita de tantos ardis que sobram brechas incontroláveis, o que dá ao Chat a capacidade de gerar conteúdo preconceituoso e perverso como qualquer ser humano faz, mesmo quando não tem consciência ou está advertido quanto a isso” (Santaella, 2023, p.30).

Por sua vez, no capítulo seguinte, *Proezas e armadilhas do ChatGPT*, Santaella discute as multiplicidades de habilidades humanizadas do Chat para resolver tarefas simples, a saber: responder questões, gravações e uma série de novas habilidades acessíveis ao homem. Sobre essa questão, Santaella aponta que “a equipe da OpenAI relatou que o GPT-3, antes do sistema 3.5 conversacional, já era tão bom que as pessoas achavam difícil distinguir notícias da prosa escrita por humanos” (p.33).

Segundo a autora, os avanços dos ChatGPT apresentam novos desempenhos que vêm se multiplicando com capacidades para alcançar outras habilidades tais como: produção de textos acadêmicos, dar dicas de empregos, dar conselhos sobre determinados assuntos, contar histórias, produzir poemas, realizar pesquisas, dentre outras. Nesse contexto, Lobo Neto (2018) aponta que a vida humana está se transformando, com um número gradativo de usos e finalidades desse recurso.

Entretanto, Santaella alerta para os cuidados que devemos ter ao utilizar o Chat para realizar buscas de documentos, por poder resultar em informações equivocadas. Isso significa que “Às vezes, ele repete erros ou estereótipos problemáticos que não puderam ser extraídos dos milhões ou bilhões de documentos em que foram treinados, causando confusão, especialmente pela aparência humana das respostas” (Santaella, 2023b, p.14). Isso se deve ao fato de que o algoritmo tem a liberdade de criar conteúdos desejáveis, mas também indesejáveis, para violar os princípios éticos.

No capítulo 3, *Abalos na autoria, criatividade e autonomia*, percebemos que a autora apresenta discussões de vários autores sobre a inteligência artificial degenerativa lançada em 2022. Autores como Heaven (2022), Chad Nelson (s/a), Stevens, dialogam com a pesquisadora neste capítulo. Por outro lado, Santaella, discute no mesmo capítulo o conflito gerado pela IA generativa, cujo lançamento ocorreu em 2022, no contexto da linguagem imagética. Para Santaella (2023b), apesar das implicações que podem afetar o trabalho de artistas e designers, nada pode superar o ChatGPT.

No caso do Chat, recurso de discussão principal do livro resenhado, conforme Santaella, consegue gerar conteúdos de forma autônoma, realista, levantando preocupações sobre a originalidade e a propriedade intelectual do material produzido. Logo, questões como a atribuição de créditos, a proteção dos direitos do criador original e a distinção entre criações humanas e geradas pela IA podem surgir como desafios a serem enfrentados. Isso poderia violar questões éticas relativas à autoria e aos direitos autorais de textos e mídias.

Kaufman (2022) discute a natureza social e humana da inteligência artificial, uma vez que os efeitos da IA dependem da forma como os humanos interagem com ela, incluindo como a percebem, a usam e a integram em ambientes técnicos-sociais. Ele enfatiza a importância de a sociedade humana tomar decisões relevantes em relação à aplicação da inteligência artificial em diversos domínios e justificar o seu uso em aplicações de alto risco. Essa autora sugere ainda que o desafio consiste em encontrar um equilíbrio entre minimizar os perigos e preservar o ambiente de inovação, sem supervalorizar ou desvalorizar a inteligência artificial.

Santaella, de maneira semelhante à autora, demonstra que, atualmente, há uma colaboração entre seres humanos e inteligência artificial. Dessa forma, ao longo do tempo, os criadores visuais e artistas terão que se adequar aos novos cenários de produção de conteúdo midiático, o que pode gerar novas experiências em termos de diversidade de linguagens.

No capítulo intitulado *A produção do conhecimento em questão*, Santaella analisa a relação entre a escrita acadêmica e a produção escrita gerada pela linguagem do ChatGPT, esclarecendo as noções de autoria e coautoria dos textos gerados pelas pesquisas oriundas da IA. Nesse sentido, o capítulo apresenta uma série de discussões com contribuições de pesquisadores que alertam sobre os cuidados ao usar o Chat como recurso de produção de textos científicos, haja vista que as ferramentas da IA podem fornecer informações errôneas, desatualizadas ou, até mesmo, incompletas. Apesar disso, a autora deixa bem claro que, na ciência, a ferramenta é bastante útil, mas deve ser usada com cautela e adequadamente.

A autora aponta, ainda, a facilidade que o chat tem em escrever artigos científicos com as ferramentas generativas da IA. No entanto, esses recursos podem apresentar dados falsos, o que pode levar ao erro, especialmente na área da saúde, como a medicina. Com exemplo, Santaella cita os experimentos dos pesquisadores Manohar e Prasad (2023) sobre as lacunas deixadas pelo ChatGPT na produção de textos acadêmicos.

O ChatGPT é um modelo de linguagem poderoso, mas não deve ser usado pelas ciências médicas, ao fornecer dados confiáveis para o entendimento de informações mais complexas da área da medicina. No caso dos artigos científicos, o trabalho da revisão por pares

tem pertinência para transmitir a confiabilidade precisa na ciência. Nessa linha de raciocínio, Peres (2023) alerta para um problema crescente no meio acadêmico: a busca desenfreada por produtividade, aliada a uma maior ocorrência de má conduta, como o plágio. Essa situação exige uma análise mais rigorosa da produção e divulgação do conhecimento científico, especialmente com o uso de tecnologias de IA.

No capítulo em questão, Santaella destaca uma passagem relevante de uma entrevista com a pesquisadora Parthasarathy, na qual a autora tece comentários sobre os modelos amplos de linguagens –LLMs, sigla em inglês para Natural Language Processing, que estão presentes no reconhecimento de fala e linguagem natural.

No penúltimo capítulo do livro, a autora apresenta *os Dilemas e desafios da educação*, as reações provocadas pelo ChatGPT em situações educacionais, apontando três fases importantes, dentre as quais apresentamos na sequência.

A primeira relaciona-se com a chegada do ChatGPT na educação por volta de novembro de 2022. Nesse contexto, o recurso não foi visto com bons olhos, até porque suas habilidades não eram para substituir o pensamento crítico humano desenvolvido, mas auxiliar pesquisas de forma rápida em determinados assuntos relacionados ao meio acadêmico. A autora critica ainda uma tendência ao conservadorismo da educação midiática e alerta para entendermos a importância dos algoritmos na atualidade, apontando para uma mudança significativa na forma como nos relacionamos com a informação e como a era digital transformou o cenário das mídias e da comunicação.

Na segunda fase, a autora discute a importância do uso consciente do ChatGPT na educação por professores e alunos, pois simplesmente banir ou minimizar seu uso nas pesquisas escolares seria inviável. Uma abordagem mais eficaz seria desenvolver metodologias de conscientização para os alunos, ensinando-os a identificar informações confiáveis e a reconhecer os malefícios e benefícios dessa ferramenta. Isso porque muitos conteúdos gerados por IA podem induzir ao erro e disseminar informações falsas. A autora propõe que o ChatGPT seja usado de forma adequada, integrado aos códigos éticos das instituições educacionais e incorporado continuamente à prática pedagógica. Por outro lado, deve ficar claro que esse modelo de linguagem de IA representa uma mudança significativa na forma como nos relacionamos com a informação e como a era digital transformou o cenário das mídias e da comunicação.

Por outro lado, é preciso ficar claro que esse modelo de linguagem da IA tem provocado mudanças importantes no cenário educacional, apesar dos desafios enfrentados por

professores e alunos. Diante disso, percebemos que a nova era na qual estamos inseridos constitui o que Kuhn (2013), em seu livro *Teoria das revoluções científicas*, denominou de mudança de paradigma na ciência. Isso porque, segundo Pinhão (2017, p.107), "o paradigma é uma das formas que os cientistas coletivamente utilizam para fazer ciência. O grupo define os problemas para a investigação, os métodos, as técnicas e a forma de solução prevista dentro do paradigma".

Para concluir o livro, Lúcia Santaella apresenta diferentes perspectivas de pesquisadores que compararam as habilidades da IA com as de humanos, rotulando-as como capacidades minimizadas. A autora argumenta que essas afirmações servem para desmoralizar e negar a inteligência das máquinas, e que atribuir tal comparação com seres humanos demonstra uma compreensão limitada do que significa inteligência. Portanto, precisamos continuar pesquisando e expandindo nosso conhecimento para desenvolver novos saberes para as gerações futuras, preparando uma sociedade moderna que entenda as novas linguagens que o ChatGPT e tecnologias similares podem apresentar nos próximos anos.

Referências

KAUFMAN, Dora. **Desmistificando a inteligência artificial.** Autêntica, 2022.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas** . Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 9. ed. São Paulo: perspectiva, 2013.s

LOBO NETO, Francisco José da Silveira. **O discurso sobre tecnologia na 'tecnologia do discurso'**: discussão e formulação normativa da educação profissional no quadro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, 2006. Tese (Doutorado em Educação). Niterói: Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <www.fsloboneto.pro.br/textos_trabalho.htm>. Acesso em: dezembro 2024.

PINHÃO, Ailton Oliveira. **A transição de paradigma na ciência e na educação:** uma possível contribuição de thomas kuhn para a formação inicial de professores, 2017. Educação em perspectiva, V.8. Disponível em: : https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6825. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

SANTAELLA, Lúcia. **A inteligência artificial** é **inteligente?** São Paulo: edições 70, 2023.

.